



TRUDI CANAVAN  
**A Voz dos Deuses**

*A Idade dos Cinco: Livro III*

Tradução  
Mário Dias Correia

 Planeta





*Para o meu pai, Wink Dauncey,  
que adorava fazer coisas*





## *Agradecimentos*

Agradeço muito aos «Dois Pauls» e a Fran Bryson, que leram o mais imperfeito de todos os esboços imperfeitos. Agradeço também a Jennifer Fallon, Russell Kirkpatrick, Glenda Larke, Fiona McLennan, Kaaren Sutcliffe e Tessa Kum pela opinião que me deram. A todos os leitores, especialmente todos os meus amigos da Voyager Online. E, por fim, a Stephanie Smith e à equipa da Voyager.





## → Prólogo ←

Um homem que entrou aos tropeções pela porta do hospício estava coberto de sangue. Manchava-lhe a cara e as roupas e escorria-lhe por entre os dedos da mão que apertava contra a testa. Os ocupantes do átrio de acolhimento calaram-se ao vê-lo, mas logo a seguir o barulho e a actividade recomeçaram. Alguém se encarregaria dele.

*Parece que desta vez esse alguém sou eu*, pensou a sacerdotisa Ellareen, a olhar para os outros curandeiros. Todos os sacerdotes, sacerdotisas e Tecedores de Sonhos estavam ocupados, mas o Tecedor de Sonhos Fareeh estava a apressar os gestos com que colocava uma ligadura à volta do braço do seu paciente.

Quando o recém-chegado a viu aproximar-se, pareceu aliviado.

– Bem-vindo ao hospício – disse ela. – Como te chamas?

– Mal Toolmaker.

– Que te aconteceu?

– Assaltado.

– Deixa-me ver. – Relutante, ele deixou-a afastar a mão que continuava a pressionar contra a testa. O golpe, que chegara ao osso, continuava a sangrar. Ela voltou a pousar a mão dele em cima da ferida. – Vai ter de ser cosido.

O olhar dele deslizou até ao Tecedor de Sonhos mais próximo.

– Fá-lo-ás tu?

Ela reprimiu um suspiro e indicou-lhe com um gesto que a seguisse pelo corredor.

– Sim. Vem comigo.

Não era inédito alguém que procurasse o hospício pedir um curandeiro dos Adoradores do Círculo, mas era invulgar. A maior parte dos que ali iam



estava disposta a aceitar qualquer ajuda. Os que não gostavam dos Tecedores de Sonhos, ou desconfiavam deles, procuravam outros lugares.

Os Tecedores de Sonhos trabalhavam sem problemas com os sacerdotes e sacerdotisas Adoradores do Círculo, e vice-versa. Todos sabiam que estavam a tratar muitas pessoas que antes não teriam recebido qualquer ajuda. Mas não era possível apagar em poucos meses um século de preconceito. Nem Ella esperara que fosse. E nem sequer queria que fosse. Os Tecedores de Sonhos não adoravam os deuses, de modo que as suas almas morriam ao mesmo tempo que o corpo. Respeitava-os muito como curandeiros – ninguém que tivesse trabalhado ao lado deles poderia deixar de confessar-se impressionado pelo talento e perícia de que davam provas –, mas aquela atitude depreciativa, desconfiada, em relação aos deuses irritava-a.

*Também não aprovo a intolerância cega.* A tendência que algumas pessoas tinham para temer quem fosse diferente delas ao ponto de transformar esse medo num ódio irracional perturbava-a mais do que a vulgar violência e a miséria absoluta que levavam a maior parte dos pacientes ao hospício.

Recentemente, um novo grupo que se autodenominava «os verdadeiros Adoradores do Círculo» começara a hostilizar os trabalhadores do hospício. A arrogante convicção daquela gente de que a sua veneração dos deuses era mais meritória do que a dela irritava-a ainda mais do que a indiferença dos Tecedores de Sonhos. A única questão em que estava de acordo com eles era no respeitante aos *Pentadrians*. Ao contrário dos *Pentadrians*, os Tecedores de Sonhos não afirmavam seguir deuses – deuses que não existiam – nem usavam a mentira para convencer a população de um continente inteiro de que os Adoradores do Círculo eram pagãos que mereciam ser exterminados.

*Pelo menos, este homem não é demasiado orgulhoso para aceitar a nossa ajuda,* pensou enquanto o guiava pelo corredor até uma sala de tratamento desocupada e lhe indicava que se sentasse na ponta de um banco. Dirigiu-se à calha situada num dos extremos da sala por onde passava uma corrente de água, encheu uma gamela e usou magia para a aquecer. Tirou um pano de um cesto, deitou-lhe algumas gotas de óleo para lavar feridas, mergulhou o pano na água e limpou a cara do homem. Começou então a coser o golpe.

Naen, um jovem sacerdote, apareceu à porta quando ela estava quase a terminar.

– A tua mãe acaba de chegar, sacerdotisa Ella.

Ella franziu a testa.

– Diz-lhe que já lá vou. Logo que acabe de tratar este paciente.

*Yranna, faz com que fique quieta até eu estar pronta. E, por favor, que não esteja num dos seus dias de mau humor.*

*:Naen certificar-se-á de que ela não te interrompe, Ellareen, prometeu-lhe uma voz.*

Ella endireitou-se e olhou em redor. Não havia sinais da mulher que tinha falado. *Estarei a ouvir vozes, como aquele velho louco que passa a vida a aparecer por cá?*

*:Não, não enlouqueceste. És tão sã de espírito como a maior parte dos mortais. Mais, até. Apesar de estares sempre a falar comigo.*

*:Falar com... és... Yranna?*

*:Exacto.*

*:Não pode ser.*

*:Por que não?*

*:Bem... és um deus. Uma deusa. Por que falarias comigo?*

*: Tenho uma tarefa para ti.*

Um frémito que era ao mesmo tempo de excitação e medo desceu pela espinha de Ella. Nesse instante, ouviu um dos sacerdotes que estavam no átrio de acolhimento erguer a voz.

– Há uma multidão a bloquear a rua lá fora. Não nos deixam sair do hospício... não, não podemos... é melhor esperar.

*Outra vez os «verdadeiros Adoradores do Círculo» não!,* pensou Ella enquanto fazia o nó no último ponto.

*:Sim. Cercaram o hospício.*

Ella suspirou, e então a compreensão gelou-a.

*:Mas... este bloqueio deve ser diferente dos outros, ou não me terias encarregado de uma tarefa.*

*:É verdade.*

*:E que tarefa é essa?*

*:Quero que imobilizes o homem que estás a tratar. Usa magia, drogas... o que for preciso.*

Ella ficou muito quieta, a olhar para o homem que tinha à sua frente. Ele devolveu-lhe o olhar, as pupilas muito dilatadas. Não era apenas a dor que lhe espicaçava os nervos. Era também o medo.

Sentiu a boca seca e o coração bater mais depressa. Era possível que ele fosse mais Dotado do que ela. E, fisicamente, era sem dúvida mais forte. Se aquilo corresse mal...

*Não penses nisso, disse a si mesma. Quando os deuses pedem qualquer coisa, a tua obrigação é esforçares-te ao máximo para os satisfazer.*

A força da magia dela atirou-o contra a parede, deixando-o sem respiração. Ella empurrou-o contra o banco e manteve-o ali, na esperança de que ele estivesse demasiado ocupado a tentar respirar para usar quaisquer Dons que pudesse ter.

*Mas ele vai recuperar não tarda. Yranna sugeriu drogas...*

Deitou a mão a uma frasco de óleo de vapor-de-sono e verteu um pouco num pano, que lhe apertou contra o nariz até que os olhos dele se tornaram vítreos. Seria o suficiente para o controlar durante alguns minutos, mas, e depois? O bloqueio podia demorar horas.

*Preciso de um indutor de sono.* Olhou em redor e descobriu um frasco quase vazio de pó de *formin*. Preparou uma fraca poção com os restos de pó e despejou-a com cuidado na boca do homem. O movimento fê-lo voltar a um estado semiconsciente; tossiu, engoliu a mistura e tornou a mergulhar na inconsciência.

Ella recuou para avaliar o resultado do seu trabalho, e apercebeu-se de que não fazia a mínima ideia de quanto tempo uma dose tão pequena de droga faria efeito. Meia chávena induzia uma noite inteira de sono. A dose que tinha administrado talvez durasse uma hora, com sorte. Podia conseguir mais pó de *formin*, mas era difícil, e seria perigoso administrar a droga a um paciente inconsciente. Havia o risco de ir para os pulmões. Olhou para o homem estendido no banco.

*Yranna disse para te imobilizar, pensou, não para te matar. Que tinhas tu planeado, ao fim e ao cabo, Mal Toolmaker?*

Num impulso, pegou nuns restos de ligaduras e amarrou-lhe os pés e as mãos e amordaçou-o. Para esconder o que fizera, pegou numa manta e tapou-o com ela, deixando de fora apenas o topo da cabeça.

Claro que nada disto o impediria de causar alarme quando acordasse. *Os outros vão querer saber por que fiz isto. O que vou dizer-lhes?* Não estava muito segura de que acreditassem nela se lhes dissesse que a deusa a mandara imobilizar um paciente. *Bem, talvez até acabem por acreditar, mas entretanto o mais certo é deixarem-no livre para fazer seja lá o que for que tenciona fazer.*

O homem tinha apanhado uma pancada na cabeça, pelo que seria plausível afirmar que tivera tonturas e manifestara alguma desorientação. Mas as drogas indutoras de sono não faziam parte do tratamento habitual em casos de traumatismo, o que significava que ia ter de arranjar outra explicação.

– Ella! – chamou, do corredor, uma voz familiar.

Rodou sobre os calcanhares. A mãe devia ter escapado à vigilância do sacerdote Naen. Apressou-se a sair da sala de tratamento, antes que fosse apanhada junto a um paciente amarrado e amordaçado.

No corredor, uma mulher pequena, de cabelos grisalhos e envolta numa impecável *tawl* de fino tecido e excelente corte, franziu reprovador o sobrolho ao vê-la.

– Ella. Por fim. Preciso de ter uma *pequena* conversa contigo.

– Desde que seja pequena – respondeu Ella, mantendo um ar atarefado. – Vamos para o átrio de acolhimento.

– Tens de deixar de trabalhar aqui – disse a mãe em voz baixa, enquanto a seguia. – É demasiado perigoso. Já era bastante mau saber que estás sob a influência destes pagãos, mas agora é pior. Correm rumores por toda a cidade. Espanta-me que não tenhas já tido o bom senso de deixar este...

– Mãe – interrompeu-a Ella. – Do que está a falar?

– Mirar voltou – respondeu a mãe. – Ou será que não ouviste?

– É evidente que não – respondeu Ella.

– Ele era... é... o líder dos Tecedores de Sonhos. Um Selvagem. Dizem que não foi morto há cem anos; sobreviveu. Tem estado escondido e agora voltou.

– Quem o diz? – perguntou Ella, a tentar não parecer demasiado céptica.

– Toda a gente... e não faças essa cara. Foi visto por muitas pessoas. E os Brancos não o negam.

– Tiveram oportunidade de o fazer?

– Claro que tiveram. Agora, ouve o que te digo. Não podes continuar a trabalhar aqui. Tens de parar!

– Não vou abandonar pessoas que precisam de mim por causa de um rumor.

– Não é um rumor! – exclamou a mãe, esquecendo que ela própria assim chamara às afirmações a respeito do regresso de Mirar. – É a verdade! E se ele vier aqui? Pensa no que pode fazer-te! És capaz de nem sequer o reconhecer. Até já pode estar a trabalhar cá, disfarçado! Pode *seduzir-te*!

Ella conseguiu, com dificuldade, impedir que um sorriso lhe aflorasse aos lábios. *Pois sim, seduzir-me!*

– Os Tecedores de Sonhos não me interessam, mãe.

Mas a mãe não estava a ouvir. À medida que as possíveis ameaças contra a sua pessoa se tornavam mais extravagantes, Ella encaminhou-a para um dos bancos do átrio de acolhimento.



– E vê o que aconteceu – disse a mãe, de forma abrupta. – Por causa do regresso *dele*, estamos aqui fechadas. Não há uma porta das traseiras? Não podemos...

– Não. Quando isto acontece, há sempre arruaceiros à espera na porta das traseiras.

– Se fosses uma alta sacerdotisa, não se atreveriam.

Ella reprimiu um suspiro. *Diz-me, Yranna, as mães são todas assim? Alguma vez estão satisfeitas com os filhos? Se conseguisse tornar-me uma alta sacerdotisa, não decidiria que devia ser uma Branca? E se por algum milagre me tornasse uma Branca, não começaria a chagar-me para ser uma deusa?*

Respondeu à mãe o que sempre respondia:

– Se eu fosse alta sacerdotisa, não teria tempo para falar consigo.

A mãe encolheu os ombros e desviou o olhar.

– Quase nunca nos vemos, de todos os modos.

*Só de dois em dois ou de três em três dias*, pensou Ella. *Coitados dos meus pais, como eu os negligencio. Se me tornar assim, Yranna, por favor mata-me.*

– Já ouviste dizer quem vai substituir Auraya? – perguntou a mãe.

– Não.

– Com certeza *alguma coisa* hás-de ter ouvido, por esta altura.

*Como consegue fazer com que até isto pareça uma falha da minha parte?*

– Como muitas vezes teve o cuidado de fazer notar, sou apenas uma humilde sacerdotisa, indigna de atenção ou respeito, ou até dos mais fundos segredos dos Adoradores do Círculo – respondeu seca, à espera de ser admoestada pelo sarcasmo.

Mas a mãe não a ouvia.

– Terá de ser um dos altos sacerdotes – continuou a mãe, como se falasse consigo mesma. – Precisamos de alguém forte... não de uma rapariguinha frívola com um fraco por pagãos. Os deuses fizeram bem ao expulsar a tal Auraya dos Brancos.

– Não foi expulsa. Demitiu-se para ajudar os *Siyee*.

– Não foi o que *me* disseram. – O facto de estar a par do mexerico pôs um brilho de alegria nos olhos da mãe. – Disseram-me que ela recusou fazer o que os deuses *lhe* tinham ordenado e que eles *lhe* retiraram os poderes.

Ella rilhou os dentes.

– Bem, estou sempre a conversar com Yranna e ela não me disse nada a esse respeito. Além disso, uma boa curandeira não desperdiça horas de trabalho a ouvir coscuvilhices.

A mãe semicerrou os olhos e empinou o queixo. Antes que pudesse falar, porém, Ella ouviu alguém chamar o seu nome. Ergueu os olhos e sentiu o coração afundar-se-lhe no peito ao ver o sacerdote Naen e o sacerdote Kleven aproximarem-se. Ambos tinham o cenho franzido.

– Que aconteceu ao homem que tinha um golpe na testa, Ella? – perguntou Kleven.

– Quis... ficou zangado quando soube que estávamos aqui encurralados.

– Portanto sedaste-lo?

Ella pôs-se de pé e, deixando a mãe sozinha no banco, aproximou-se de Kleven.

– Sim – respondeu em voz baixa. – Estava... *muito* zangado. Usei vapor-de-sono, e quando vi que não havia efeitos adversos, dei-lhe um pouco de *formin*.

– *Formin*? A um homem que apanhou uma pancada na cabeça? – exclamou Kleven, sem erguer a voz. Abanou a cabeça e começou a avançar para o corredor. Ella teve um pequeno sobressalto e apressou-se a segui-lo.

– Qualquer pessoa ferida na cabeça que manifeste um comportamento estranho deve ser vigiada com atenção – disse Kleven, enquanto entravam na sala de tratamento. Puxou a ponta da manta que cobria a cara de Mal Toolmaker, expondo a mordaza. – Que significa isto? – exclamou, quando retirou a manta e viu os pulsos e os tornozelos amarrados.

– Ele atacou-me – justificou-se ela.

Kleven voltou-se e olhou-a.

– Estás bem?

– Sim. – Encolheu os ombros. – Não chegou a tocar-me.

– Devias ter-me falado disto.

– Ia fazê-lo, mas... a minha mãe distraiu-me.

Kleven assentiu e tornou a olhar para o homem adormecido. Ella sentiu um arrepio descer-lhe pelas costas ao vê-lo começar a desatar os nós.

– Será sensato? – perguntou, hesitante.

– O Naen fica a vigiá-lo. Quanto *formin* lhe deste?

– Pouco. Uma colher pequena.

O homem agitou as pálpebras em reacção ao toque dos dedos de Kleven. Não estava a acordar, mas não tardaria muito.

– Pára – deu por si a dizer. – Não podes acordá-lo. Tens de voltar a drogá-lo.

Kleven voltou-se mais uma vez para ela com um olhar interrogativo.

– Porquê?

Ella suspirou.

– É incrível, mas tens de acreditar em mim. Fui avisada a respeito dele e foi-me ordenado que o imobilizasse.

– Quem to ordenou?

Ella fez uma careta.

– Vais ter dificuldade em acreditar. Foi... Yranna.

Kleven arqueou uma sobrancelha.

– A deusa?

– Sim. Falou comigo. Na minha mente. E não, não costumo ouvir vozes dentro da cabeça.

O sacerdote observava-a com uma expressão pensativa. Ella viu-lhe a dúvida nos olhos, mas não soube se hesitava em acreditar nela ou em correr o risco de agir contra as ordens de uma deusa.

– Como sei que não estás a inventar tudo isto?

– Não posso prová-lo, se é isso que queres dizer. Mas posso fazer notar que sempre até agora agi com perfeito bom senso... e que nunca dei sinais de loucura.

– É verdade – concordou Kleven. – Mas não faz sentido Yranna ter falado apenas contigo. Se este homem representa um perigo para o hospício, todos nós precisamos de saber.

– Também achei estranho – admitiu ela. – Talvez o perigo tenha passado... mas eu não estou disposta a correr esse risco. Se tu estás...

Kleven olhou para o homem, indeciso.

– Posso ajudar em alguma coisa?

Voltaram-se para a porta, onde o Tecedor de Sonhos Fareeh se tinha detido. Ella gemeu para dentro. Kleven não acabara de soltar os nós e, ao ver as ligaduras, o Tecedor de Sonhos arqueou as sobrancelhas.

– Um paciente difícil?

Kleven olhou para Ella.

– De várias maneiras – disse.

O Tecedor de Sonhos olhou para o homem adormecido, depois para cada um deles, e assentiu com a cabeça. Começou a afastar-se. Kleven suspirou.

– A Ella diz que foi Yranna que a mandou imobilizá-lo.

Ella voltou-se para o sacerdote, surpreendida.

– Ah – foi tudo o que Fareeh disse.

*Por que foi que Kleven lhe disse aquilo? E então, devagar, compreendeu. Se não dissesse, Fareeh compreenderia que estamos a esconder-lhe qualquer*

*coisa. E isso poderia alterar a maneira como trata connosco. Abanou a cabeça. Este equilíbrio de confiança e desconfiança entre nós é tão instável.*

– Acreditas nela? – perguntou Kleven.

O Tecedor de Sonhos encolheu os ombros.

– Não acredito em nada que não possa confirmar com os meus próprios sentidos, de modo que a crença é irrelevante. Ou ela está enganada, ou não está. Qualquer das situações é preocupante. Tudo o que posso sugerir é que leves o paciente e a sacerdotisa para o átrio de acolhimento, onde poderemos todos estar atentos e enfrentar qualquer problema que possa advir.

– É um bom conselho – concordou o sacerdote mais velho, com um aceno de cabeça.

Sob o olhar ansioso de Ella, Kleven usou magia para erguer no ar o homem inconsciente e levá-lo para o átrio de acolhimento. Visitantes e curandeiros, aborrecidos e desejosos de uma distração, viram, curiosos, o desconhecido ser estendido em cima de um banco. Mas à medida que o tempo passava e o homem não fazia nada senão dormir, perderam o interesse.

Enquanto vigiava o indivíduo que dissera chamar-se Mal Toolmaker, Ella perguntava a si mesma que teria ele planeado fazer. *Ias atacar-nos? Ias escapulir-te da sala quando estivéssemos distraídos e abrir a porta das traseiras para que a tua gente pudesse entrar?* Sempre que o homem se mexia, o coração dela dava um salto.

Quando, por fim, ele pestanejou e abriu os olhos, pôs-se de pé, pronta para recorrer à magia para repelir qualquer ataque.

– Senta-te, sacerdotisa Ella – disse Kleven, num tom calmo mas firme. Obedeceu.

O desconhecido soergueu-se, apoiado nos cotovelos, e olhou em redor, atordoado. Pousou os olhos em Ella e estremeceu.

– Q'aconteceu? – perguntou. – Ela at'cou-me.

– Mantém-te calmo. Não corres qualquer perigo – disse Kleven, tranquilizador. – Espera um pouco até recuperares.

O homem olhou em redor.

– Ainda aqui. Por... sou um pris'oneiro?

– Não.

O indivíduo tentou pôr-se de pé. Kleven aproximou-se para o apoiar.

– Quero sair.

– A seu tempo. Ingeriste uma pequena dose de droga do sono. Deixa passar o efeito.

– Sono... por que foi que me drogaram?

– Um de nós convenceu-se de que pretendias fazer-nos mal. É verdade?

A expressão que perpassou pela cara do homem pôs um arrepio na espinha de Ella. *Culpa! pensou. Estava a planear qualquer coisa.*

– Não. Só vim... – Ergueu a mão e levou-a à testa, fazendo uma careta quando tocou nos pontos. Inspirou fundo, endireitou as costas e pôs-se de pé. Cambaleou por um instante, e então deu alguns passos. O efeito da droga estava a dissipar-se depressa, e ninguém se mexeu quando ele caminhou com crescente confiança até ao fundo do átrio e voltou. – Estou bem – disse. – Posso ir agora?

Kleven encolheu os ombros e assentiu.

– Não vejo qualquer razão para te retermos aqui... excepto o facto de haver uma multidão hostil lá fora. Ficarás com outro desses arranhões, no mínimo, se saíres.

O homem olhou com dureza para Ella.

– Prefiro arriscar.

Kleven voltou a encolher os ombros.

– Não te impediremos, só podemos avisar-te. Vou libertar a porta.

Mais uma vez, ninguém se mexeu quando o homem avançou para a porta. Ella franziu a testa. Devia estar satisfeita por ele se ir embora, o seu plano gorado, fosse ele qual fosse. Mas havia qualquer coisa que a incomodava. Por que o deixaria Yranna ir se ele ameaçara o hospício? Yranna tinha dito...

Então compreendeu o que era.

– Pára! – gritou, levantando-se de um salto. O homem ignorou-a.

– Ella... – começou Kleven a dizer.

Quando o homem pousou a mão na porta, Ella absorveu magia e projectou uma barreira para o deter. O homem fez força contra o escudo invisível, voltou a cabeça e olhou para ela, furioso.

– Ella! Deixa-o ir! – ordenou Kleven.

– Não – respondeu Ella, calma. – Yranna disse-me para o imobilizar. Não disse porquê. Talvez fosse para o impedir de nos fazer mal. Talvez fosse para o impedir de sair.

O homem afastou-se da porta e voltou-se para ela, o rosto distorcido pela fúria. Ella sentiu Kleven agarrar-lhe o braço.

– Ella. Não podemos...

Calou-se e Ella ouviu-o fazer uma inspiração rápida e curta. Soou uma pancada na porta. Kleven largou-lhe o braço.



– Baixa a tua barreira – murmurou. – Rian dos Brancos está aqui.

Ella fez o que lhe era pedido. A porta abriu-se. Um homem que vestia um *circ* sem qualquer decoração passou o umbral. Rian, o Branco de cabelos de fogo, cravou no desconhecido uns olhos antigos.

– Obrigaste-nos a uma longa perseguição, Lemarn Shipmaker.

O desconhecido recuou, muito pálido. Uma alta sacerdotisa entrou no hospício. A um sinal de Rian, fez um gesto na direcção do homem, que passou por ela com passos rígidos e saiu, guiado por uma força invisível.

Rian voltou-se e olhou para os ocupantes do hospício.

– Os arruaceiros ganharam juízo e arranjam outros lugares para estar. Já podem sair em segurança. Ou ficar e continuarem o vosso trabalho ou tratamento, como preferirem.

Houve suspiros de alívio, vindos de vários pontos da sala. Kleven avançou e fez com as mãos o sinal do círculo.

– Obrigado, Rian dos Brancos.

Rian respondeu com um aceno de cabeça, e então olhou para Ella.

– Bom trabalho, sacerdotisa Ellareen. Há meses que procurávamos este homem. Os deuses estão impressionados com a tua lealdade e obediência. Não ficarei surpreso se te for oferecida uma oportuna posição como alta sacerdotisa.

Ella ficou a olhar para ele, estupefacta. Rian, que não estava à espera de uma resposta, fez meia volta e saiu.

*Uma oportuna posição como alta sacerdotisa? Com certeza não estava a sugerir... não, não podia ser.*

Mas a Cerimónia da Escolha para os próximos Brancos estava apenas a um mês de distância. Que outra razão poderia haver para que uma promoção a alta sacerdotisa fosse oportuna?

*Só tenho de esperar para ver.*

A sentir-se algo zozna, regressou ao interior do hospício e voltou ao seu trabalho.

